

ASSISTÊNCIA MÉDICA

Anunciado para meados de outubro, fechamento da atenção infantil no Hospital São Lucas projeta mais pressão na rede pública, desafia planos de saúde e pode prejudicar pacientes

Crise na pediatria se agrava

SÍLVIA PIRES E MARIANA COSTA
Com o fechamento de unidades pediátricas na rede particular, encontrar vagas em UTIs e emergências para bebês e crianças em Belo Horizonte se tornou uma missão cada vez mais difícil para as mães e pais de pequenos pacientes. No dia 20, o Hospital São Lucas (HSL), no Região Centro-Sul, anunciou o encerramento do atendimento pediátrico, o que significa a perda de 34 leitos pediátricos na capital e de 2,5 mil atendimentos por mês. O cenário sobrecarrega ainda mais o sistema público de BH, que já enfrenta problemas para compor os quadros de pediatria nos centros de saúde e Unidades de Pronto-Atendimento (UPAs).



A manicure Ana Cláudia Camilo Mata, de 24 anos, também passa pelo mesmo problema. "Val ser ruim, porque já estou acostumada aqui. Não tenho ideia de onde vou levar ele se não for aqui", disse. Apesar da demora no atendimento, ela elogia o trabalho dos médicos na unidade. "Na hora que chega aqui demora um pouco, mas depois é tranquilo. É gostoso do atendimento. É muito bom", comenta.

MAIS PRESSÃO Na avaliação do diretor de defesa profissional da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), Fábio Guerra, o fechamento de unidades pediátricas é preocupante e trará grandes prejuízos aos pacientes. "Temos visto uma prática contínua de redução de serviços de pediatria. Isso diminui a possibilidade de suporte à população e sobrecarrega aqueles que se mantêm no atendimento. Quando unidades fecham, com certeza você sobrecarrega outros. Não entendo que seja por falta de profissionais. Isso passa por questões administrativas", afirma.

A entidade nega que exista um déficit de pediatras no país e desinteresse dos profissionais pela área. "Não é que os médicos não queiram ser pediatras, mas, sim, que as instituições só querem contratar quando o quadro já é emergencial, em situações precárias. Temos um contingente bastante interessante de profissionais. Hoje, somos mais de 44 mil pediatras no Brasil, o que daria uma distribuição suficiente de assistência", avalia.

PLANEJAMENTO O representante da SBP e do Simmed-MG, Cristiano Albuquerque, concorda. Para ele, não há falta de profissionais e sim de estrutura e política de planejamento para enfrentar a sazonalidade. "As equipes de pediatria são suficientes em um período de oito meses do ano. Do meio do outono e durante todo o inverno ocorre um aumento de demanda muito grande. De até 200%. Notamos uma dificuldade de planejamento das grandes hospitais de montar uma estrutura reversível, que vemos em outros países. E o que o sindicato propõe: Na época da sazonalidade, abrir atendimento como fast track, utilizando sistemas de triagem, com equipes que possam implementar protocolos. Permitir que os médicos possam trabalhar mais recebendo um adicional".

Guerra também acredita que o problema é resultado de falta de planejamento e de condições adequadas de trabalho. "Precisamos de oportunidades mais adequadas, que passam pelo tipo de contratação, vínculo de trabalho e condições estruturais, que possam favorecer o estabelecimento e manutenção de uma equipe para assistência", afirma. Segundo ele, as instituições deixam para contratar profissionais somente nos momentos de crise. "A gente vê ofertas de contratações precárias que não interessam aos profissionais. Acontece que nem sempre é fácil fazer contratação nesse cenário", comenta. O diretor da SBP avalia, ainda, que a situação é a mesma na rede pública. "É uma reação em cadeia. Tentar resolver isso de forma imediata é mais difícil. Se você faz um planejamento prévio, se tem uma organização do serviço, fica mais fácil passar por essas crises. É necessário planejamento para contratação mais efetiva dos profissionais", disse.

Wackson Abel Soares Silva não conhece outro hospital que aceite o plano de saúde do filho Emanuel e se diz "desesperado" com o fechamento

De acordo com ele, o hospital faz uma média de 2.500 atendimentos mensais. O impacto imediato, segundo Albuquerque, será na qualidade do atendimento em algumas especialidades. Ele cita os pacientes da oncologia infantil, que vão perder a equipe que os acompanha no tratamento, por exemplo. "Tem crianças com plano de tratamento de um ano que vão precisar mudar de local e as famílias nem sabem para onde vão ainda." O fechamento vai sobrecarregar também os locais próprios, já que são obrigados por lei a fornecer o atendimento pediátrico. "Isso é ruim porque limita a opção dos pais".

SEM RUMO As crianças e os pais penam devido à falta de assistência infantil. Especialmente nos fins de semana, eles sofrem com perseguições entre hospitais e, muitas vezes, enfrentam horas de espera até, fi-

nalmente, serem recebidos pelos médicos. "É um caos. Só consigo pelo particular e, mesmo assim, não tem pediatria para atender as crianças. Tenho que ir de hospital em hospital até conseguir atendimento", afirma Cláudia Regina Ribeiro, de 56 anos. No dia 21, ela foi pela primeira vez ao Hospital São Lucas com os netos, Erick Miguel, de 8, e Maria Clara, de 5, depois que o mais velho conseguiu reclamar de dor na garganta. "Aí fiquei horas com ele na fila de hospital, quando era mais novo, e só conseguimos atendimento porque ele começou a convulsionar", lembra. Como o neto é autista, ela diz que Miguel sofre ainda mais para conseguir atendimento médico, mesmo que, segundo a lei, pessoas com autismo tenham direito à fila de prioridades. "Com a pandemia, a situação ficou ainda mais caótica", complementa Cláudia.

Com 34 leitos, o pediatria do São Lucas é responsável por 2,5 mil atendimentos por mês e 500 cirurgias por ano, que terão que ser absorvidos por outras unidades de saúde

Sobrecarga em efeito cascata

Com o colapso batendo à porta de UPAs e centros de saúde da capital, o fechamento de unidades na rede particular acaba sobrecarregando ainda mais o atendimento nos equipamentos públicos. Desde junho, a Prefeitura de Belo Horizonte vem reforçando a assistência infantil aos fins de semana, mas a pressão persiste. Recentes notícias de pedidos de demissões de pediatras nas unidades de saúde e dificuldades para contratar novos médicos especialistas na área preocupam ainda mais os pais. Segundo o Simmed-MG, profissionais aprovados em concurso estão reconsiderando se vão tomar posse do cargo, devido às condições precárias de trabalho. Representante da entidade, Cristiano Albuquerque diz que a rede pública estadual tem um déficit de 100 pediatras, enquanto no municipal o número sobe para 200. "O problema é que o estado não faz um investimento pesado. O médico não sente estimulado, ele sabe que vai entrar em uma instituição sucateada, com uma infraestrutura ruim para cumprir uma falha da escola trabalhando com uma equipe mínima". Ele afirma que o sindicato junto com a SBP apresentou para os secretários estadual e municipal

de saúde um conjunto de ações para melhorar as escalas: realização de concurso público, com a chamada de um número maior de vagas por vez, maior flexibilidade nas cargas horárias, melhorias nos planos de carreira, das condições de trabalho, além da criação de um adicional de sazonalidade. Hoje, as unidades de saúde da capital contam com 267 pediatras para atender 152 centros de saúde e nove UPAs. A Secretária Municipal de Saúde de BH (BSMS) confirmou anteriormente que as escalas de pediatria estão desfalçadas por falta de profissionais. Por meio de nota, a SMS diz que está avaliando alternativas para minimizar os possíveis impactos na rede de SUS-BH e trabalha incessantemente para garantir a plena assistência à população. A Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) informa que, como uma medida para garantir o atendimento da população, o município concedeu um aumento no valor dos plantões extras de 35% em todas as unidades da rede SUS da cidade. O banco de currículos para contratação imediata de médicos segue ativo. Os interessados devem acessar o portal da prefeitura para realização do cadastro.



Cláudia Ribeiro, com os netos Erick Miguel e Maria Clara, diz que o atendimento já é difícil. "Com a pandemia, a situação ficou ainda mais caótica"



Wackson Abel Soares Silva não conhece outro hospital que aceite o plano de saúde do filho Emanuel e se diz "desesperado" com o fechamento

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

**Seção:** Gerais **Página:** 11